

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n35.08>

Respeito, interlocução e tradução Entrevista com Marcia Heloisa, organizadora da antologia *Vitorianas macabras*

*Respect, interlocution and translation
Interview with Marcia Heloisa, organizer of the anthology
Victorianas macabras*

Cristina Löff Knapp*

Enéias Tavares**

Rafael Eisinger Guimarães***

Marcia Heloisa Amarante Gonçalves, ou simplesmente Marcia Heloisa, como é mais conhecida, é tradutora e gerente editorial da editora DarkSide Books. É formada em Direito com Especialização em Tradução pela PUC-Rio e Mestrado e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentre as autoras e os autores que já traduziu estão nomes como Edgar Allan Poe, Bram Stoker, Emily Brontë e Lewis Carroll. Além desses trabalhos, Marcia Heloisa é também uma pesquisadora sobre literatura de horror, com capítulos e artigos sobre o tema publicados no Brasil e no exterior. Nesta entrevista você vai conhecer algumas curiosidades a respeito do processo de tradução, da seleção de textos que compõem a obra *Vitorianas macabras* e sobre a autoria feminina.

1. Marcia Heloisa, primeiramente gostaríamos de conversar com a tradutora. Você tem em seu currículo traduções como *Drácula*, *Alice no País das Maravilhas*, *O mágico de Oz* e *O morro dos ventos uivantes*, além de dois volumes da ficção de Edgar Allan Poe. Pode nos falar um pouco sobre sua formação? Em sua visão, o profissional da tradução se forma mais na universidade e nos cursos ou na prática semanal e tradutória?

* Universidade de Caxias do Sul (UCS).

** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

*** Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Sou formada em Direito, mas nunca atuei na área. Logo após a minha graduação, ingressei no curso de Formação de Tradutores, no Departamento de Letras da PUC-Rio. Sempre fui apaixonada por literatura e sonhava em me dedicar exclusivamente aos livros e ao poder transformador das histórias. Depois de me formar em Tradução, comecei minha longa jornada como tradutora literária, prestando serviço para diversas casas editoriais. Durante muitos anos também atuei como professora de Tradução Literária e Práticas de Tradução, ministrando cursos de Pós-Graduação no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Salvador e Brasília. Pela minha experiência, tanto como tradutora e como docente, acredito que o profissional de tradução se forma por um compósito de estudos, talentos e sensibilidades. Primeiro, é imprescindível ter paixão pelos livros e apreço pela palavra. Depois, fôlego para pesquisa, atenção às minúcias do texto e um bom ouvido. Traduzir é criar uma ponte entre duas margens e, para isso, precisamos mergulhar os pés na água sem medo. Precisamos correr riscos, abraçar desafios e confiar na intuição. Não acredito em tradução fiel, mas sim em tradução *leal*. Para mim, o nosso maior compromisso é o respeito com o autor e o nosso maior dever a reverência com os leitores. Tradução é a arte da impossibilidade viável. E, como toda arte, um portal de acesso aos esplêndidos mistérios da vida.

2. Notamos, nos trabalhos de tradução que você realizou, uma propensão ao fantástico e ao horror. Essa temática também perpassa seus estudos de mestrado e doutorado. A seu ver, como o horror e a fantasia, sejam elas literária ou fílmica, são importantes no processo de formação cultural e de sensibilidade?

Horror e fantasia são gêneros que possibilitam experiências vicárias e catárticas de confronto heroico com os nossos medos. Quando criança, o horror me parecia o gênero com maior garantia de desfecho satisfatório, especialmente no cinema. Enquanto nos romances, nos dramas, nas comédias e até mesmo nos musicais o destino dos personagens muitas vezes era trágico ou infeliz, no horror a ameaça violenta era sempre derrotada – não raro por uma mulher corajosa, uma sobrevivente. Ter crescido com essas *final girls* sem dúvida me ensinou muito sobre o poder de enfrentar o que nos persegue, sobre a importância de reconhecermos e assimilarmos as nossas sombras, sobre fé em vislumbres de luz nas trevas. Horror e fantasia nos ajudam

a compreender nossa psique, o mundo que nos cerca, o espírito dos nossos tempos. Muito pode ser revelado sobre um determinado período histórico, por exemplo, ao mergulharmos em suas narrativas de medo e suas aventuras mais exuberantes. E, de forma muito mágica, acredito que sempre que buscamos desvendar os segredos da arte e do tempo, acabamos descobrindo verdades potentes sobre nós mesmos.

3. Falando especificamente de *Vitorianas macabras*, quais foram os maiores desafios na tradução? São treze autoras de diferentes períodos – embora todas estejam sob o guarda-chuva do período Vitoriano – e de diferentes estilos. Como encontrar a voz de cada uma delas?

De forma muito surpreendente, trabalhar com autoras diferentes acabou facilitando o processo. Para mim, foi mais desafiador encontrar diferentes vozes em um romance polifônico como *Drácula*, por exemplo, onde encontramos múltiplos narradores expressando as diversas vozes de um único autor. Em *Vitorianas Macabras*, o que me ajudou bastante foi a pesquisa biográfica sobre cada autora escolhida. Pesquisar vida e obra das autoras acabou por me aproximar ainda mais delas, tornando o processo tradutório mais intuitivo – e mais envolvente.

4. Quando lemos a obra *Vitorianas macabras*, um dos aspectos que chama atenção logo de início é o fato de se tratarem de 13 contos. Qual a razão para a escolha dessa quantidade de textos?

Treze é um número rico em simbolismo e superstição. Para alguns, um número da sorte; para outros, vaticínio de desfortunas. Eu, porém, o tenho como algo muito auspicioso: 13 é um número importante para a DarkSide, morada de muitos sonhos e projetos. Sendo assim, a escolha foi uma homenagem à casa editorial que realizou os meus.

5. Qual o critério para a escolha das autoras que foram traduzidas para compor a obra *Vitorianas macabras*?

O primeiro requisito foi encontrar autoras vitorianas – nascidas durante o reinado da Rainha Vitória ou artisticamente influenciadas por ele em suas obras. Depois, decidi priorizar autoras que tiveram

uma carreira expressiva na época, mas que acabaram esquecidas com o passar dos séculos. Por último, acrescentamos inclusões que fogem à regra, por se tratarem de autoras ainda bastante conhecidas, como Charlotte Brontë, Elizabeth Gaskell e Mary Elizabeth Braddon. A premissa norteadora do volume, no entanto, era demonstrar a potência de cada uma dessas vozes e convidar os apreciadores das histórias macabras a lerem mais mulheres.

6. Nas páginas que fazem a apresentação de cada uma das autoras você atribui uma expressão para caracterizá-las, como “Edith Nesbit, a engajada” e “Charlotte Brontë, a incansável”. Qual a relação da palavra que as caracteriza com a vida de cada uma das autoras?

As palavras encapsulam alguns aspectos da biografia de cada uma das autoras. Longe de servirem como rótulos, foram concebidas como epítetos de poder, em reconhecimento ao mérito de trajetórias tão comoventes e extraordinárias.

7. A epígrafe da obra é da poetisa Adelaide Anne Procter. Em que medida esses versos representam as contistas que compõem a obra?

A epígrafe ressalta de modo lírico alguns aspectos que me são muito caros neste projeto. O primeiro é um senso de coletividade, a noção de que estamos todos interligados e fazemos parte do mesmo cosmos. Defendo a arte e a criatividade como empreendimentos essencialmente colaborativos, nos quais parceria, diálogo e troca transformam cada projeto em aprendizado para todos os envolvidos. O segundo é a ideia de que nada do que é feito em arte, por mais soterrado que possa parecer pelo decurso do tempo, está inexoravelmente perdido. Acredito que os livros sempre encontram seus leitores e que nunca é tarde para descobriremos novos velhos ilustres. Sendo assim, as autoras de *Vitorianas macabras* voltam à vida nas páginas da nossa edição, para que possam brilhar estelares como merecem, em pleno céu do século XXI.

8. Virginia Woolf afirmou, no início do século passado, que as mulheres, para construírem uma carreira de sucesso na área da literatura, precisariam ter dinheiro e um teto só seu. Passados mais de cem anos da formulação dessa frase da escritora britânica, quais são hoje, na sua avaliação, as condições necessárias

para que as autoras se sintam estimuladas a escrever e reconhecidas como autoras?

Penso que estímulo e reconhecimento envolvem aspectos diferentes, ainda que complementares. O estímulo pode brotar até mesmo nas condições mais adversas, menos racional do que passional, urgente em sua fagulha de expressão criativa. Nesse sentido, não se apresenta como uma dádiva conferida, mas sim como manifestação espontânea de uma ideia que nos move, do apaixonamento por um projeto, uma causa, uma história. O estímulo pode nos despertar do sono, dar voz aos nossos silêncios mais doídos, nos erguer ainda machucadas de uma queda e reanimar corações apunhalados. Para isso, não precisamos do mundo. Pelo contrário. O mundo é quem precisa de nós.

Já o reconhecimento pressupõe espaço, respeito, interlocução. Para isso, precisamos de apoio – e apoio é diferente de ajuda. Ajuda pode até nos colocar no caminho da vitória, mas somente apoio nos acolhe em nossos fracassos. Precisamos de suporte para continuar existindo criativamente, pois é mais árduo sobreviver na arte do que nascer para ela.

Então, respeitosamente parafraseando a brilhante Virginia Woolf, diria que mais do que um cômodo, precisamos de uma casa. E mais do que a proteção de um teto, precisamos também da segurança de um solo.

9. Nas últimas décadas, a academia e o mercado editorial têm reconhecido a importância do trabalho de escritoras dos séculos XIX e XX que foram silenciadas pelo cânone. A antologia *Vitorianas macabras*, sem dúvida, soma-se a esse esforço importante e necessário. Em sua opinião, qual o impacto desse movimento no cenário atual de expressiva produção literária de autoria feminina no Brasil?

Costumo dizer que respeitar as raízes fortifica os ramos e os frutos. As escritoras que abriram passagem para nós em séculos pregressos são mestras, a quem devemos conhecer e reconhecer, sem jamais perder de vista que carregamos sua herança literária em sangue e espírito. Quando olhamos para trás e abraçamos cada uma dessas autoras, encontramos mais o que nos une do que o que nos distingue e compartilhamos a nossa força criativa com mulheres que

tanto têm a nos ensinar sobre romper limites, expandir fronteiras e desbravar caminhos.

10. Levando em consideração as leituras que você tem feito da literatura de autoria feminina nacional e estrangeira, é possível indicar alguns pontos de aproximação e de distanciamento entre esses dois cenários? Quais seriam eles?

Percebo uma diferença mais pronunciada na produção, que varia de acordo com os processos editoriais de cada país, do que propriamente na inspiração, nos temas e no escopo das narrativas. Respeitando recortes de classe, sexualidade, raça e gênero, a autoria feminina mais se aproxima do que se estranha, irmanada em sonhos e batalhas afins. Autoria feminina deve ser mais continente do que fronteira, mais território do que nicho. Sempre que abrimos espaço para que autoras se expressem, tornamos o mundo mais rico em aprendizados, vivências e histórias compartilhadas.